

À BEIRA  
DO ALÉM

O SER NÃO SERIA SE JÁ NÃO FOSSE



SIDHNEY  
BOREAS

À BEIRA  
DO  
ALÉM

O SER NÃO SERIA SE JÁ NÃO FOSSE

VOC3  
BOREAS PUBLICAÇÕES  
EDITORA

Título original: **À Beira do Além**  
© Copyright 2011, **Sidhney Boreas**

**Capa**

Sidhney Boreas

**Edição e Publicação**

Voc3 Boreas Publicações Editora®

<http://sidhneyboreas.wix.com/voc3>

**Dados Internacionais de Publicação (ISBN)**  
**(International Standard Book Number)**

**Autor:** Sidnei José Souza de Jesus (Sidhney Boreas)

**Título:** À Beira do Além

**Edição:** 3ª

**Ano:** 2022

**ISBN:** 978-85-917381-0-6

**Editor:** Sidnei José Souza de Jesus [Voc3 Boreas Publicações Editora®]

**Local:** Aracaju/Se

**ISBN 978-85-917381-0-6**

3ª Edição 2022

**Impresso no Brasil / Printed in Brazil**

Todos os direitos reservados. LEI 9.610/1998. O autor permite a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, desde que informe os direitos autorais.

Ao professor Rafael Filho e à professora Cândida por terem feito as primeiras leituras e revisões gramaticais desta obra nos anos de 2001 e 2004. E, especialmente, a Boreas, por ter, além de tudo se despertado em mim.



"Considero a vida uma estalagem onde tenho que me demorar até que chegue a diligência do abismo. Não sei onde me levará, porque não sei nada. Poderia considerar esta estalagem uma prisão, porque estou compelido a aguardar nela; poderia considerá-la um lugar de sociáveis, porque aqui me encontro com outros. Não sou, porém, nem impaciente nem comum. Deixo aos que são os que se fecham no quarto, deitados moles na cama onde esperam sem sono; deixo aos que fazem os que conversam nas salas, de onde as músicas e as vozes chegam cômodas até mim. Sento-me à porta e embebo meus olhos e ouvidos nas cores e nos sons da paisagem, e canto lento, para mim só, vagos cantos que componho enquanto espero.

Para todos nós descerá a noite e chegará a diligência. Gozo a brisa que me dão e a alma que me deram para gozá-la, e não interrogo mais nem procuro. Se o que deixar escrito no livro dos viajantes puder ser relido um dia por outros, entretê-los também na passagem, será bem. Se não o lerem, nem se entretiverem, será bem também."

Fernando Pessoa, *in: Do livro do desassossego.*



# Sumário

Nota .....11

Prólogo .....15

Livro 1 .....31

Livro 2 .....55



# Nota

---

HÁ ALGUMAS INTERPRETAÇÕES que podemos fazer para entender o que é estar à beira do além, e todas devem ser bem compreendidas para que sua forma não seja desfocada no horizonte do público. Ultimamente, depois que este livro se tornou finalista no III Prêmio Clube de Autores de Literatura Contemporânea, tenho recebido críticas, dúvidas e sugestões sobre o conteúdo do mesmo. Embora isso seja bom por representar um retorno de visibilidade do livro que passa das 15 mil visualizações, é, por outro lado, carente de instrução, mostrando o quanto o público está distante da proposta de entendimento de *se estar à beira do além*. Como praxe da investigação literária, um de dois ou dois poderiam ser os motivos: o primeiro, o de que a obra talvez não estivesse bem escrita, ou, o segundo, o de que o público alvo não tenha sido atingido satisfatoriamente. Respondendo a esses dois motivos. Quero começar dizendo que este livro não é espírita e nem coaduna com qualquer teoria espírita, mística e religiosa. Recentemente, respondendo a um crítico e escritor religioso famoso que, de certo modo, insinuava a obra *À beira do além* pertencer a uma determinada corrente espírita-espiritualista, disse que essas confusões aparecem primeiramente quando se tem contato com o título, pois a compreensão habitual do leitor sobre o significado das palavras envolvidas já está carregada de idealismo; neste sentido, falar do além hoje é falar de vidas encarnadas, reencarnadas ou simplesmente desencarnadas. Ou ainda, de uma promessa de

Deus aos seus filhos redimidos. Falar do além, assim como falar do desconhecido é hoje falar de Deus. É envolver os sentimentos pessoais com a mística, com a religião, com o misticismo. Mas como poderíamos falar desse substantivo que de antemão nos coloca à frente daquilo que podemos saber, à frente da nossa aparente falta de capacidade, acolá, para mais longe, mais longe que o desconhecido sem parecermos estar falando de um além espiritual, sem estarmos falando de outra vida senão a que temos e a que conhecemos. Pois é, o além tratado aqui não é o dos espíritas, religiosos ou místicos que concebem a existência da vida mesmo depois da morte. Que projetam mundos semelhantes para além da compreensão, partindo sempre daquele entendimento primário do mundo no qual se vive. O além envolvido neste livro é o da superação – mudança de interpretação – dessa crença estabelecida; crença entendida aqui como: certo consenso da estrutura intelectual humana sobre determinados aspectos firmados pela sensibilidade. Por exemplo, a ‘certeza’ de que o ontem está no passado, o amanhã ainda não aconteceu e que o que vivemos está no presente. Ou ainda que aquela pessoa do futuro tal qual aquelas de um passado distante não existem mais, e que eu vivo porque presencio o mundo. Que um homem nascido em 1.800 não existia em 1.600 como não existe mais em 2.012. Esse consenso intelectual, aparentemente tão racional que nos traz a ideia de uma [di]visão do tempo como passado-presente-futuro, é o obstáculo ou referência do qual e para além do qual o livro se destina. Estar à beira significa está se conscientizando desse obstáculo que se comporta como uma convicção racional, quando por outro aspecto pode ser uma ilusão sensitiva. E é além, porque nessa compreensão consensual aquilo que nunca foi como

aquilo que deixou de ser está no estado de inexistência, no estado de morto. Em linhas gerais, o livro trata desse fenômeno: da morte do que não nasceu, do nascido e do que não nasce mais.

A morte tem sido mistério durante toda a história do entendimento humano: estudada de perto pela mística desde os primitivos em contato com a natureza, pela religião em contato com a fé, e pela filosofia e ciência em contato com a razão. Quanto ao senso comum, ele não a estuda, mas por constá-la no dia a dia passa a opinar sobre ela. E é a partir do senso comum que as opiniões, na maioria dos casos, me têm chegado. Sendo assim, é a partir desse senso que também inicio minhas orientações, contudo, não é nele que o leitor ficará, pois à medida da desenvoltura dos argumentos o mundo se revelará misteriosamente e confrontará a velha certeza do óbvio, sendo esta a própria certeza de que o que morre deixa de existir.

Enquanto o senso comum trata a morte como uma questão sem solução, a mística se foca nela para elevar a vida ao mistério que a liga ao mundo. Enquanto a mística contempla o mistério dessa ligação, a religião eleva a elevação da mística à sua certeza do eterno, seja ele linear ou circular. Enquanto essas elevam seus sentimentos, a ciência estuda as causas da vida para descobrir as causas do fim e prever o futuro. Não obstante, a filosofia que contribuiu para que eles assim pensassem, e que de certo modo ainda contribui, possibilita na contemporaneidade algumas interpretações acerca da morte que podem ser revolucionárias. Gostaria muito de citar nomes de grandes mestres dentro da filosofia que tenham encabeçado discussões no nível aqui proposto, contudo, a filosofia dessa contemporaneidade não é mais filosófica, mas sociológica e científica; arriscaria aqui mesmo dizer sociocientífica. Os físicos teóricos são

aqueles que têm ousado mais na tentativa de explicar esses mistérios. Dos físicos cito Albert Einstein com o seu propósito de uma equação do tudo, e o matemático e físico Edward Witten com a sua teoria-M.<sup>1</sup> Quanto aos filósofos, é inegável nos mantermos nos pré-socráticos, que, por ironia do destino também eram conhecidos como físicos e se mantiveram contemporâneos.

Assim, o livro foi escrito nesta sutileza do tempo e para aqueles dispostos a discutirem e averiguarem as interpretações dos argumentos, entendendo que o estar à beira do além é estar na compreensão de que a morte não existiria se não fosse existente, e de que se a morte existe a existência é o seu outro nome, ou seja, a morte está existente, mas não significa isso que esteja viva, assim como aquele que ainda não nasceu está morto porque inexistente, e é o seu nome que existe quando dizemos algo existir, assim como também é o seu quando dizemos não mais existir. De posse dessa compreensão, o livro chega ao objetivo final de superação da compreensão da morte como fim, para o de que ela esteja sempre existente, e não de que esteja sempre viva como se pensa a mística, e que se ela existe - isso não significa que viva -, tudo que chamamos de passado, como aqueles que já conhecemos e morreram, continuem existentes, e não exatamente vivos. Logo, não existe o passado, o presente e o futuro, e a própria morte não pode ser mais a inexistência e a nulidade de tudo aquilo que ainda viria, veio e passou.

**O autor.**

---

<sup>1</sup> N.A. Como diz o próprio Witten: "Enquanto não se prova a existência das supercordas, a teoria é útil para entender melhor aquilo que nenhum outro recurso físico ou matemático consegue explicar"

# Prólogo

---

“PARECE ESTRANHO, PORQUE parece ir de encontro à direção de nosso espírito: a morte ser o caminho para a vida. Na vida cotidiana só há dois mundos: o que submetemos e o que abnegamos. O primeiro é causa de nosso definhamento, da criação de nossa conduta, da submissão às formalidades, do esconderijo e do desprezo; o segundo é causa de nosso atrevimento, do acordar letárgico nas condutas, de caminhar por entre os outros o escárnio ao zelo. A um dizemos viver por controle à vida, ao outro dizemos morrer por nada sabermos reter. Mas, nem em um e nem no outro realmente vivemos, divididos entre ambos é que estamos nem completamente vivos e nem completamente mortos.”

Essas são palavras de Boreas que eu nunca esqueci. Aonde eu fosse às levava comigo, e com elas estava naquela tarde de inverno quando depois de quase seis anos de afastamento novamente o encontrei. Como antes ele estava sentado na calçada, do lado de fora e de costas ao muro do hospital psiquiátrico, local que sempre costumava ficar. Entre aqueles dias de dois mil e um em Aracaju, capital de Sergipe, eu perfazia

vinte anos de idade, ele uns cinquenta e seis anos. O primeiro dia que o vi, em 1995, quando eu tinha quatorze anos, foi um dia após eu ser assaltado, assalto no qual tive de entregar meu relógio de pulso novinho ao bandido enquanto sentia uma faca na altura do abdômen. Este evento me marcou profundamente, fazendo-me acordar para o fato de que o sentimento de segurança que carregamos no peito, produzido pelo amor daqueles que nos amam, é inútil para nos defender sempre que a vida corre risco; o amor do próximo não nos alcança na altura do perigo. Do fato argui, e do mesmo concluí que ninguém entre a multidão que estivera no ponto de ônibus comigo, tinha me ajudado a evitar o assalto ou de ter me livrado da arma prestes a ser em mim cravada, porque, por mais que me parecessem próximos pela compaixão, foram incapazes de superar o medo para enfrentar o rapaz que me assaltava. Sentindo-me só, percebia que aqueles a quem amamos, que carregamos no âmago ou poeticamente no coração: são companhias, preenchem nossa vida, mas mesmo com eles permanecemos desprotegidos e sendo alvos de qualquer mira.

No dia seguinte a este evento, enquanto eu caminhava cabisbaixo e reflexivo indo ao Colégio Dom Luciano José Cabral Duarte, colégio no qual estudava, fitou-me e falou-me um estranho a andar lentamente na mesma calçada que eu estava, quando por mim e em direção contrária passou:

– Não se assuste em entender o coração, pois estamos sempre sós! – Parei ao ouvir aquele homem falar assim. – Por muitas vezes negamos ouvi-lo, e, raro, para ser ainda mais sensato, não só raro como também improváveis que as decisões, os pensamentos e a razão não sejam nessa solidão guiados pelo medo e à muleta do temor. Sei que ouves tua voz interior assim

como ouve a minha exterior, mas não encontra coragem para dela cumprir o que retumba.

Eram quase treze horas, a Rua Dom José Tomás estava movimentada, carros cruzavam à Avenida Barão de Maruim, outros nela entravam. Por um instante lembrei-me das recomendações de minha mãe, justamente aquela a quem meus sentimentos nunca se apartavam, e sabia que, se algo ali novamente me acontecesse, ela não poderia me salvar. Era como se eu pudesse ouvir dizer para não falar e nem dar atenção a estranhos; se possível fosse, que eu corresse o mais rápido que pudesse para longe do perigo. Embora assim eu pensasse, agi igual a todo jovem cego e em choque nas ações que lhe sucedem: fiquei próximo àquele estranho e a ouvi-lo sem aplicar as advertências no momento de sucessão das causas. Fiquei parado, não querendo falar, e sim a observar aquela figura estonteante envolta de farrapos, parecendo um estrangeiro vestido, um homem de cultura exótica. Sua figura era como a de uma silhueta viva, de barba e cabelos longos perturbados. Ele parecia um semita fora de seu deserto. Seus olhos negros durante aqueles instantes fitaram os meus, transpassando um brilho louco e malicioso tais quais os dos evangelistas a pregarem seus sermões ou os das serpentes a pegarem suas presas. Em ambos os casos, aquele louco era um caçador a se apoderar, feliz de me ter surpreendido. Eu tinha dado atenção a um louco das calçadas, eu o olhava e via que ele novamente queria falar, mas repentinamente me veio um calafrio e não esperei para ver o que aconteceria, dele afastei-me, saindo antes de qualquer veneno.

Já retornado ao caminho em direção ao colégio, pensava nesse acontecimento, e cada vez mais ficava intrigado,

pois eventos semelhantes constantemente estavam me fazendo fortalecer o pensamento de que muitos são os caminhos misteriosos que nos assaltam dia a dia, sagazes e ferozes como qualquer fera: abate-nos, ficamos em choque e só depois é que começamos a reagir. Aquela foi sem dúvida o início de muitas tardes estranhas e cansativas que tão logo comecei a perceber que as minhas idas e vindas ao colégio já não estavam mais sozinhas, que o meu andar já não era mais o mesmo. Que minha adolescência tinha um ritmo diferente da dos meus amigos.

Embora nos dias seguintes não tenha visto o estranho velho que me falara, a sua presença e a sua atitude em me falar como falou, acompanhavam-me. Em casa, nada comentei, pois cada vez mais compreendia que quando se vê as linhas do mundo, o delírio grita solitário. Além do que, todos em casa estavam preocupados com seus problemas particulares e com o cuidar da saúde de minha avó. Se é que exista saúde possível de ser cuidada, eles com a dela se preocupavam, visto o estado de falecimento cada vez mais evidente.

Em uma daquelas tardes as aulas do colégio foram finalizadas mais cedo. Refazendo o caminho para casa, passei pela mesma rua que tinha encontrado o velho. Lembrei do ocorrido, mas não me detive ali, segui à direção do ponto de ônibus, também o mesmo no qual há três semanas tinha eu sido assaltado. Este ponto de ônibus se localizava na Avenida Barão de Maruim, em frente à Praça Camerino. No ponto, umas seis pessoas esperavam pelo transporte urbano, algumas sentadas, outras de pés. Sentei-me e também fiquei à espera. Do meu lado direito o perfume de uma estudante de mais ou menos minha idade me provocou o desejo de falar-lhe, talvez de elogiar pelo perfume que usava, mas não o fiz. Pensando mais acura-

damente, o elogio primeiramente caberia ao fabricante do perfume, aliás, à própria essência ou até mesmo à natureza, mas não exatamente à menina que o usava. Como diria o filósofo Epicteto que só mais tarde iria eu conhecer, ninguém pode ser elogiado pelo que não é propriamente seu. Aos poucos os coletivos foram chegando, algumas daquelas pessoas que os esperavam, inclusive a jovem perfumada, subiram na linha Augusto Franco/Bugio, outras no Terminal Rodoviário, enquanto eu permanecia esperando o Eduardo Gomes/Desembargador. Esta linha tardou, outros coletivos passaram e eu fiquei só. Nesse tempo, observava o movimento dos carros, das pessoas andando, dos taxistas parados conversando, a estes últimos imaginava o que tinham de tão importante para estarem conversando, pois eu acreditava que somente os assuntos importantes eram aqueles que poderiam ser compartilhados. Não somente aqueles homens eu olhava, mas também as árvores da praça e os galhos agitados, movimentando-se como se estivessem conversando uns com os outros, com as folhas, com o vento, com o mundo. Aos poucos, quando me detinha nesse pensamento, quando esmiuçava como se também quisesse entender aquela linguagem da natureza, começou a surgir uma imagem no canto dos meus olhos. Ainda sem olhar diretamente para ela, veio-me a impressão de quem se afigurava. Virei minha face e encarei essa imagem, lá estava o velho sentado no canteiro da praça. Depois de alguns dias eu voltava a vê-lo, estava encostado na terceira árvore da direita do outro lado da avenida, quase que em frente ao ponto e a olhar para mim. Novamente, senti-me indefeso, percebia que alguém poderia me tocar se quisesse, poderia me machucar se desejasse. Naquele momento, enquanto eu olhava seu sorriso misterioso e um

tanto quanto cínico, veio-me à memória as palavras camufladas da sociedade tão convencida sobre a miséria, tão cretina sobre a calamidade econômica e social. O substantivo em questão não significa somente o pedinte, mais também aquele que é marginal, inválido, sem perspectiva, enfermo do social, analfabeto, pobre, fétido, sem lar, sem família, sem sentimentos de nobreza e cultura; aquele que parece ser incapaz de perceber ou sentir a suavidade da vida; incapaz de viver e experimentar o leito amoroso; aquele que parece ser para sempre o símbolo do fracasso e da escória, exceto, e mesmo assim em alguns casos, por seus iguais e por si mesmo. No caso dele, daquele velho indigente, sua expressão de louco não me imputava algumas dessas marginalizações, contudo, não pude deixar de julgar sê-lo o fim de uma vida, um homem que carregava o que restou de si, um acumulador de impropérios que provavelmente seria mais feliz se estivesse morto; que se morto estivesse, acreditava eu, não estaria sofrendo a penúria da pobreza econômica naquele momento.

Como o ônibus não chegava, pensei em sair dali e ir esperá-lo em outro local. Tinha que agir rápido, pois o velho que me olhava tão penetrante parecia ameaçar sentar ao meu lado no banco, e eu ainda estava só. Logo tomei uma decisão, embora fundada em critérios completamente ingênuos, mas carregada de ousadia. Aliás, ingenuidade e ousadia hoje já não me parecem antagônicas, uma vez que a ingenuidade tem por característica a irresponsabilidade e a ousadia aquela que abre mão de uma seguridade para desafiar o que se desconhece, sendo esta uma desobrigação de responsabilidade, vejo que ambas compartilham do mesmo sentido. Tratando da minha decisão, finalmente decidi ir a outro ponto de ônibus, ao da Avenida Ivo do Prado, passando pela lateral da praça na Rua Dr.